



**O VIROSCAS** – *Semanário* editado em 27 números, de 11 de outubro de 1914 a 11 de abril de 1915, com 4 páginas na maior parte dos números, com redação e administração na Rua da Avenida, n.º 6, nas **Caldas da Rainha**, tendo como editor **Arnaldo Júlio Martins (Arjumar)** e diretor **Jaime Zenóglia (Zé Lino)**, precisamente os seus proprietários. No número 4, Arnaldo Júlio Martins passa para diretor, surgindo como editor o nome de **F.E. Salgueiro**.

A composição e impressão de *O Viroscas* eram realizadas na Tipografia Caldense, de José da Silva Dias. Vendia-se a 2 centavos, mas logo no seu segundo número baixou para metade do preço, constatando que alguns dos seus leitores o achavam exagerado, pelo que foi assinado um novo contrato com a tipografia.

As assinaturas eram de 90 centavos (ano), 48 (semestre) e 25 (trimestre). A redação era feita, sobretudo, pelos dois principais responsáveis, com alguns colaboradores, sendo que os mais regulares foram, por ordem alfabética, foram **Alfredo Pinto (Sacavém)**, **Eduardo de Matos**, **João Toscatudo**, **Luís Ramos** e **Miguel da Ponte**, mas também por um conjunto alargado de nomes, provavelmente de origem local, em pequenos contributos esporádicos ou únicos, ou em forma de poema. Desde o início se aceitava toda a colaboração desde que não ferisse a nota política nem ofendesse susceptibilidades, não se devolvendo, porém, os originais ainda que não fossem publicados.

Nas Caldas da Rainha, em plena I República, foi publicado, a 11 de outubro de 1914, domingo, o primeiro número de *O Viroscas, semanário imparcial com pretensões a humorístico*. É, provavelmente, **o único jornal caldense integralmente de tom satírico, e pelos seus seis meses de existência desfila o quotidiano caldense da época**.

No início do século XX, em Portugal, *A Paródia*, de Rafael e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, e *O Chinelo*, de Francisco Valença, marcavam um estilo de humor ao serviço do estado de alma dos portugueses face a um regime monárquico já gasto. Essa referência humorística acabaria por ultrapassar a viragem política, através do Grupo dos Humoristas, que foi o retrato vanguardista da I República, sobretudo logo que esta deixou de ser o anteriormente sonhado em tempos de oposição. O desenho caricatural e as frases contundentes eram expressões eloquentes compreendidas por todos.

No ano em que, nas Caldas, saía *O Viroscas*, o desenhador Christiano Cruz apelava no jornal *República*: “Não façamos crítica, façamos arte!”. No mesmo ano, este último periódico publica uma entrevista com outro autor satírico, Hipólito Collomb, referindo este que: “A política é o maior e mais perigoso mal dos que enfermam a sociedade portuguesa”, logo o humor político corrige-a. Ainda nesse ano, Stuart Carvalhais regressa de Paris, habilitado de novas

experiências estéticas no campo da arte e do humor. Assim sendo, **é num ano de importantes marcos no Grupo de Humoristas mais conhecido da imprensa nacional da época que surge O Viroskas.**

A última página era sempre utilizada para um anúncio único da Tipografia Caldense, localizada nos números 5 a 11 da Rua José Malhoa, que realizava, por exemplo, trabalhos tipográficos de todos os géneros, trabalhos de luxo e de cores, completo sortido em artigos de escritório, bilhetes-postais ilustrados, “com lindas coleções de fantasia e lindas vistas de Caldas, Óbidos e Peniche”, sendo que acabara de receber “um completo sortido de tipos de fantasia e vinhetas modernas, podendo assim competir com outras casas suas congéneres”.

A redação abre o primeiro **editorial**, sob o título “Começemos...”, apresentando-se como “somente” prometendo “fazer sempre a diligência por agradar, rindo, brincando, largando umas piadinhas inocentes, mas tudo isto sem ofender suscetibilidades nem crenças.” Com respeito à política, referem: “Nem vê-la; não queremos nada com essa dama. Está já muito desacreditada”.

Em conclusão, os seus autores sintetizam o seu propósito: “Distrair os leitores proporcionando-lhes algumas horas de bom humor, fazendo a diligência para que todos deem por bem empregado o seu tempo e os dois centavos do custo do papel e dando também razão à máxima latina que diz *Ridendo castigat mores* [rindo castigas a moral]”.

Ainda na primeira página, o atraso do descerramento da bandeira da Associação Comercial, no 5 de outubro passado, a propósito da comemoração do 4.º aniversário da República Portuguesa, é criticado em jeito de carta recebida da própria “serva muito dedicada” bandeira daquela Associação, desculpando-se a própria por estar “muito constipada e proibida pelos médicos de apanhar o ar da manhã, tanto mais que nesse dia estava um nevoeiro bastante cerrado”.

São ainda motivo de referência neste primeiro número: a compita entre outros dois periódicos, *O Defensor* (das Caldas) e *O Radical* (de Leiria); as récitas de teatro da Companhia de Constantino de Matos, que se realizavam no Teatro Pavilhão; as sessões cinematográficas no Salão Central da Convalescença; e o *smoking* do Isidro, que motivava grande afluência de pessoas às janelas do Clube de Recreio. Estavam certamente sinalizados estes locais como os mais badalados das Caldas.

A partir deste número, *O Viroskas* dá continuidade à sua veia satírica, **sendo que os temas locais intercalam com outros mais gerais.**

Sobre as águas do Areeiro, no segundo número surge o seguinte anúncio:

- “- Queres ter saúde? Bebe água do Areeiro.
- Queres ser rico? Bebe água do Areeiro.
- Queres ser bonito? Bebe água do Areeiro.
- Queres ter areia? Bebe água do Areeiro.

- Ó Asdrúbal. Quanto pagas por este reclamo?"

Em trocadilho com os nomes de alguns caldenses, "vai passar o inverno em Lisboa num dos *chalets* do Jardim Zoológico, o sr. *Lobo Marinho*, digníssimo empregado no Clube de Recreio desta vila" (18 de outubro de 1914).

No **Salão Central**, notícia da concertista de viola Consuelo Dominguez e do "grandioso baile" promovido por Jaime Mendes, Joaquim Costa, Artur Macário e António Germano, empregados do Salão (18 de outubro). E ainda: a 25 de outubro, sessão animatográfica em que se exibem filmes de grande sucesso (edição de 25 de outubro); a 26 de outubro, grandioso baile promovido pelo pessoal do salão, Jaime Mendes, Joaquim Costa, Artur Macário e António Germano (25 de outubro); na quinta-feira seguinte, o ventríloquo Ilderick (1 de novembro); a 2 de novembro, a sessão animatográfica promovida pela Associação de Classe dos Empregados no Comércio (25 de outubro); e a 9 de novembro o sarau promovido pela Tuna dos Empregados no Comércio, regida pelo maestro Carlos Silva (8 de novembro).

A partir de dezembro, o Salão Central passou a dar espetáculos às segundas e quintas-feiras, para além das novidades cinematográficas, fornecidas pela Empresa Cinematográfica de Portugal.

**Dá O Viroscas notícia dos outros espaços culturais das Caldas**, como, no **Teatro Pavilhão**, as 60 récitas em 47 peças diferentes de teatro da Companhia de Constantino de Matos, que se realizaram desde 10 de maio até ao final de outubro; no **Teatro Pinheiro Chagas**, o anúncio da comédia em 3 atos representada pelo grupo dramático dos empregados do comércio (25 de outubro); a 4 de janeiro, prevista récita pelo **Grupo Dramático do Bombarral**, não concretizada; a 11 de janeiro, récita do **Grupo Dramático Operário** a favor da Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor; a 1 de fevereiro, récita promovida pela **Associação dos Empregados no Comércio e Indústria e Nova Filarmónica Caldense**, em benefício dos seus cofres (os bilhetes estavam à venda no Cabelheiro de Lisboa, na Praça da República); a 13 de abril, espetáculo promovido pelo ator Afonso Ventura, dedicado à **Associação de Classe dos Empregados no Comércio e Indústria**, com a pianista Palmira de Oliveira, diplomada pelo Conservatório do Rio de Janeiro, e ainda a opereta "Os 30 botões", concerto pelo manicarista Manuel de Freitas, acompanhado à viola pelo violista José de Sá, um ato de *folies bergères*. Na nova sede da **União Operária Caldense**, no domingo passado à edição de 8 de novembro, houve uma *soirée* dançante. No **Salão** (depois Cinematógrafo) **High-Life** (Rua de Camões), filmes em época de inverno; e a 27 de dezembro, o artista Vergara apresentaria experiências chino-japonesas, abrilhantado pelo sexteto regido por João Baptista Rodrigues.

A 25 de outubro, o periódico caldense noticia que, para a vila, viria uma parte das forças que seguiriam para o teatro da Grande Guerra, em cerca de 3.000 soldados, a fim de as submeter a um mês de exercícios. O jornal avisa as mobilizações não só militares, mas também "civis, comestíveis, monetárias". A mobilização "do grão, das massas, do bacalhau e das batatas, das couves (...), das criadas de servir e das meninas casadoiras (...). No entanto, vislumbra o

articulista para breve, “sentados nos bancos da Mata, do Parque, ou mesmo da Praça, uma sopeira acompanhada de meia dúzia de discípulos de Marte. (...) Estávamos agora a lembrar-nos, se não se dará o caso de, depois ficarem nas Caldas mais soldados e coronéis, do que havia antes da mobilização. (...)”, ou pequeninos soldados e oficiais. “Efeitos da mobilização!!!...”

Sob o título “De Raspão – O Céu de Vidro”, Miguel da Ponte lamenta o estado de decadência do **Céu de Vidro**:

“Milão possui a falada galeria próximo à praça do Duomo, onde se juntam as maiores celebridades até ao figurante mais reles, as Caldas levam-lhe a palma com a sua galeria envidraçada, vulgarmente chamada – *o céu de vidro*.

Hoje pode-se considerar decadente, é apenas atualmente um simples corredor de passagem, nada mais! Mas dantes?! O leitor não calcula o que o *céu de vidro* representava na vida caldense! Era o lugar onde se discutiam as questões mais palpitantes, onde se divulgavam os escândalos de A e de B, onde se iniciavam namoros, e onde os maridos tinham mais *dores de cabeça!*

Também lhe chamavam o céu zoológico, pois havia o *Pavão* pianista, o *Rato* guarda-portão e o *Lobo*.

Hoje apenas nos resta o *Lobo*, que de ano para ano está cada vez mais manso.

Assim de ano para ano, o *céu de vidro*, que assistiu às cenas mais palpitantes, está sem interesse, banal, com umas portas de ferro que mais parece uma penitenciária.

Nem sei como lhe chamam o *céu de vidro*, porque nos tempos de hoje chamar-lhe *céu*, cheira a *thalassa* como burro!

Desde já propomos que lhe mudem o nome, agora no Inverno há pouco que fazer, será um agradável passatempo.”

Na mesma edição de 25 de outubro, lê-se:

“Resmungar-se” (título da coluna) que se Júlio Matias for para a guerra não haverá depois quem tire as fotografias, mas se não for irá para porteiro do Clube durante a época de inverno, tendo para tal mandado fazer o casaco da ordem. A 1 de novembro, a mesma coluna satírica refere que Alfredo Pinto (Sacavém) “tem a mania de fazer reclamo às Caldas; agora publicou, na *Ilustração Portuguesa* mais um artigo sobre os arredores da nossa vila. Cada doido com a sua mania! Podia dar-lhe para muito pior...”. A seguir, que o administrador do Hospital, Augusto Cymbron, “contratou para a futura época um sexteto de sufragistas inglesas. Aí valente!” (p. 2).

“Quem se pica...

Informam-nos várias pessoas de que alguns cavalheiros se têm melindrado por se julgarem alvejados nas piadas que aqui temos publicado.

Até hoje não nos acusa a consciência de termos dito qualquer coisa que possa ter ofendido seja quem for. Do que porém não temos culpa é que

haja a quem sirvam as *carapuças* e por esse motivo se julguem ofendidos.

No entanto, aos cavalheiros que têm pensado em vir pedir-nos satisfações, diremos, que a única satisfação lógica e razoável que lhes poderíamos dar era esta: *Quem se pica... cardos come.*” (8 de novembro, p. 1)

No editorial da edição de 15 de novembro, **lê-se um interessante manifesto sobre o estado da animação cidadina:**

“É mais que sabido que a nossa vila ocupa um lugar preponderante como estação de águas; mas não devemos dormir sobre a fama que estas termas conquistaram pelas suas maravilhosas curas, e não tratarmos de as revestirmos de certas atrações, como é uso fazer-se em toda a parte do estrangeiro.

As águas medicinais da nossa vila são boas e iguais a tantas outras que existem em França e Alemanha, e se as estrangeiras são mais concorridas é simplesmente porque nessas localidades existem milhares de divertimentos que servem de chamariz aos forasteiros.

Que espécie de atrativos oferece esta vila no verão? A banda no parque? O sexteto no *club*? O concurso hípico?

Sobre cultura musical, muito melhor poderíamos arranjar como concertos por uma orquestra, etc.; o concurso hípico, de ano para ano, vai desanimando cada vez mais, e desses prémios ganhos pelos cavaleiros vencedores não consta que lucro possa vir para a nossa vila. Ora em vez de concursos hípicos muito melhor seria empregar o dinheiro cada ano em festas novas, que chamassem, como maior interesse, público.

Não seria interessante reconstruir uns torneios feitos com todo o rigor histórico?

Festas teatrais ao ar livre, cantatas patrióticas? No *Teatro Pinheiro Chagas*, representação do auto de Gil Vicente, S. Martinho, escrito, como é sabido, para ser representado nesta vila? Jogos florais, entre os nossos poetas?

Tudo isto é um simples esboço de festas, mas muito mais interessantes que o tal concurso hípico que já pouca gente chama, pelo seu carácter monótono; se ao menos viessem corredores estrangeiros, mas assim com a prata da casa, hão-de concordar que massa a valer!

Tudo isso será uma série de dificuldades para a maior da gente, pois entre nós não querem ter o menor incómodo; mas sem bom trabalho, sem haver boa vontade de todos os caldenses, nunca esta vila poderá caminhar na senda do progresso. Devemos pensar desde já na futura época, o tempo corre veloz e depois não há tempo e cairemos na mesma.

A imprensa local, se estiver de acordo com as nossas ideias, deverá pugnar também para que se pense na forma mais condigna, para que esta vila obtenha o necessário para que seja um ponto de águas de primeira ordem. Está nisto a riqueza da nossa terra, está nisto o seu belo futuro.

Dormindo-se sobre o caso, outras termas vão aparecendo com orientações novas e a nossa vila fica para trás. Não, não pode ser! Não há-de ser! O povo das Caldas é demasiado inteligente para que possa bem compreender, que se deve empenhar para que nasça uma nova orientação, nas festas a realizar. Falamos bem a tempo...” (15 de novembro, p. 1)

A partir deste número e até ao final do ano, **O Viroscas dá conta de diversos aspetos do quotidiano caldense:**

“Progresso local.

Em uma das últimas sessões do senado municipal, foi calorosa e sapientemente discutido o alinhamento a dar-se a um prédio que vai ser construído na Rua Cândido dos Reis.

Alguns dos senhores senadores sustentavam que o prédio devia avançar, outros mantinham a sua resolução inabalável de que o prédio devia recuar, e um outro aguentava-se na ideia de que esse alinhamento devia ser feito com um magnífico jardim à frente do prédio.

‘O Viroscas’ que nesse dia teve a dita de ser introduzido naquele santuário da intelectualidade caldense, aplaudiu com calor e entusiasmo a maravilhosa ideia do tão simpático senador e ainda hoje, daqui, lhe atira com um *bravo!* Caloroso.

E, pedindo licença a sua Ex.<sup>a</sup>, lembra ‘O Viroscas’ que se for possível conseguir-se o prédio tendo a frente o jardim, este seja *zoológico*.

Pois temos por cá bastantes feras que são dignas de exposição.” (15 de novembro, p. 1)

“Será verdade?!

O Casimiro da barraca parte um destes dias para Lisboa, onde vai pedir ao sr. Ventura Terra um desenho para uma futura barraca que será destinada à venda de bilhetes para a *tourné* Lucinda Simões.” (15 de novembro, p. 3)

No mesmo número em que se **propõe que a Câmara funde uma biblioteca operária que estivesse patente das 19 às 21**, “onde o operário encontrasse obras onde o seu espírito recreasse”, dá-se conta que estaria “quase concluído o toldo dos Armazéns do Chiado. Agora estão tratando de lhe fazer a caixa de zinco para resguardo. - Oh! Montez! Quantos anos serão ainda precisos para ficar pronto?” (22 de novembro, p. 1). Ainda no mesmo número, foi apelidado de “Palácio das Dores”, o edifício hospitalar, sob traçado do mestre Matias, de “As Cunhas das Borlas” sobre “algumas senhoras que entravam em tudo o que era festas de borla”.

E quanto a **melhoramentos hospitalar e cidadão:**

“Consta-nos que a direção do Hospital D. Leonor vai adquirir máquinas para a população da energia elétrica necessária ao serviço daquele estabelecimento.

Ora até que enfim! Se isso acontecer (?) será a maneira de vermos *todo* o pessoal do hospital a trabalhar com atividade. Movidos a eletricidade, devem andar numa dobadeira.

Mas quer-nos parecer que não passa dum susto para a Companhia Produtora de Eletricidade.” (6 de dezembro, p. 1)

“Melhoramentos locais?!

Consta-nos que a Praça da República vai deixar de ser iluminada pelos arcos voltaicos. Efetivamente nestes últimos dias tem estado às escuras. Não podemos compreender a razão desta ordem tão descabida, que deixa a melhor artéria desta vila, mas mal iluminada do que alguns becos!

Quererão transformar a Praça da República em sucursal da Mata?” (20 de dezembro, p. 2)

“Uma boa notícia.

Podemos hoje dar aos nossos leitores uma agradável notícia. O governo acaba de ceder à Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor uma casa para a nova instalação da sua sede. Deve-se este feliz resultado à incansável comissão para esse fim eleita, que se não poupou a esforços para o conseguir.” (20 de dezembro, p. 2)

Na edição de 1 de janeiro de 1915, Alfredo Pinto (Sacavém), a convite da direção do jornal, **refere em editorial que O Viroskas representa na vida caldense o que Os Ridículos são na vida lisbonense.**

Faz referência ainda à **guerra em África**. Posteriormente faria outros contributos, designadamente sobre **Rafael Bordalo Pinheiro** (17 de janeiro); o maestro **Manuel Encarnação**, recentemente a residir nas Caldas, propondo-o para regente da futura Filarmónica das Caldas da Rainha e propondo a criação de um *Orfeon* (24 de janeiro);

Na edição de 10 de janeiro, começa este periódico a transcrever extratos de *O Tentativa*, de Caldas há 22 anos.

No editorial da edição de 7 de fevereiro, **insurge-se contra a realização dos festejos do Carnaval face à guerra**. Neste ano, são realizados bailes no **Teatro Pinheiro Chagas**, com a presença da Nova Filarmónica Caldense. Os bilhetes encontravam-se à venda no estabelecimento de louças de Ângelo Marcelino Garcia. Também se realizaram bailes no **Ciclo-Club**, no **Clube de Recreio** e na **Associação dos Caixeiros**. Nesta edição, dá-se conta do início de representação da **Companhia Carlos Sousa**. A propósito, o jornal refere:

“o teatro, na quinta-feira, apesar dos preços reduzidos, havendo lugares desde 13 centavos, estava às moscas.

Já esperávamos isto!

Se fosse um baile nos bombeiros ou na Convalescença a 20 centavos, caía lá o poder do mundo!

O que é a educação dum povo!” (7 de fevereiro, p. 2)

Na edição de 14 de março, a propósito da iniciativa da **Sociedade Propaganda de Portugal**, junto das localidades com termas e praias, para que estas recebam estrangeiros de países afetados com a Guerra e apresentem as carências urbanas, **o editorial refere a importância termal das Caldas para fazer da vila “um ponto de reunião para todos os estrangeiros que possam vir a Portugal”**.

Nas edições de 21 e 28 de março, surge um anúncio do **Hospital D. Leonor das Caldas da Rainha**, ainda assinado pelo seu diretor Augusto Cymbron, em que este faz público que recebe propostas para o fornecimento dos seguintes géneros: 1.º Pão fabricado com farinhas do tipo pão de família; 2.º Carne de vaca; 3.º Carne de carneiro; 4.º Batata; 5.º Leite; 6.º Arroz, massa, chá verde, açúcar, manteiga, bacalhau e toucinho alto do Alentejo; 7.º Sabão; 8.º Azeite.

Na edição de 4 de abril, um artigo de Miguel da Ponte refere:

“De Raspão.

Em prol das Caldas.

O sr. Sacavém, mais o sr. Jorge Lima, andam à porfia qual será aquele que maior interesse toma por esta vila. Pela nossa parte agradecemos penhorados, e breve veremos os seus nomes em qualquer rua desta terra. Não têm direito à vida?! Ora, eu, como caldense, pois foi aqui que vim à luz, também quero alvitrar qualquer coisa em prol das Caldas. Eis o meu plano:

1.º Levantar um monumento ao antigo Pavão, célebre pianista quer tanto aturou aos banhistas; o local podia ser o *céu de vidro*.

2.º Dentro do hospital um medalhão do grande Sebastião dos copinhos; recordam-se?

3.º Comprarem em Paris um violino para o maestro Rodrigues, e haver uma récita em homenagem ao seu talento.

4.º Contratar novamente a companhia Constantino de Matos para darem uma série de récitas com o *Fr. Luís de Sousa, Alfageme de Santarém, O Regente e D. Afonso VI*.

5.º Espalhar por todo o país uma análise das águas do *Olho*.

6.º Convidar o sr. João de Sousa, a fim de organizar um orfeón.

7.º Convidar o sr. dr. Manuel Carvalho, a fazer umas conferências humorísticas no Clube.

8.º Irem a Palmela todos aqueles que não estiverem de acordo.

Não será um programa à altura?” (4 de abril, p. 2)

O último número (27) é datado de 11 de Abril. Nele, para além de um artigo premonitório, intitulado “adeus”, lavrado pelo seu diretor Arnaldo Júlio Martins (Arjumar), o editorial retrata, sem pormenores, **ocorrências recentes na vila**, do dia 2, que, para além de terem feito suspenso as festas programadas para o fim-de-semana pascal, poderiam afastar as “pessoas que procurando o sossego recerão vir para uma terra onde as paixões políticas atingem um tal grau de exaltação que põe em perigo a vida dos habitantes. É, porém, tempo ainda de remediar este mal e para isso bastará que os habitantes das Caldas e muito especialmente os *senhores comerciantes* ponham de parte a nefasta política e se unam *todos*, pensando *unicamente* em zelar os interesses da

terra, que são também os seus. Estamos certos que todos os caldenses estarão de acordo com a nossa modesta opinião e que os veremos concorrer na medida das suas respectivas forças para evitar a ruína deste encantador torrão que os viu nascer.” (11 de abril, p. 1)

Este acontecimento traria a necessidade ainda maior de uma força da Guarda Republicana, para o devido policiamento da vila (p. 2).

É noticiada uma “festa galante”, *soirée* infantil, promovida pelos alunos do **Colégio Costa**, em que tomaram parte as meninas Lucília Pinto, Cristina Santos, Bernardina Valério, Maria José Santos, Perpétua Margarido, Maria Luísa de Jesus, Albertina Ludovice, Hermínia Ribas, Maria Alice Quaresma e Mimi Saudade e os meninos Luís Teixeira, Antero Proença, Humberto Silva, João Duarte, Henrique Costa e Eduardo Ribas. Foram ensaiadores Elisa Fitas e Manuel de Mira e Costa, acompanhando ao piano Luísa de Mira e Costa.

Há um anúncio da **Antiga Farmácia Barbosa** (Praça da República, 72, 73), “a mais antiga do concelho”.

Em suma, **O Viroscas vem certamente ampliar o número de periódicos conhecidos publicamente sobre a imprensa das Caldas durante a I República.**

Era do conhecimento público a existência, durante a Primeira República, dos periódicos: *O Círculo das Caldas* (1893/4-1918), *O Defensor* (1913-22, 1923 e 1924-25), *O Regionalista* (1920-25), *A Verdade* (1920-21), *O Desportivo* (1924), para além dos primeiros números da *Gazeta das Caldas*, a partir de 1925.

*O Círculo das Caldas* era inicialmente o órgão monárquico progressista, sobreviveu à proclamação da República, passando a Evolucionista. Os Democráticos fundaram depois *O Defensor*, publicado numa primeira série de 1 de dezembro de 1913 a 5 de setembro de 1922, numa segunda, de 15 de junho a 17 de julho de 1923, e numa terceira, de 28 de fevereiro de 1924 a 28 de fevereiro de 1925.

Por seu turno, o farmacêutico Custódio Maldonado Freitas, em cujo estabelecimento se estabelecera um centro de reuniões políticas, agência de seguros, filial do Banco Internacional de Comércio, local de representação da União Patronal e da Liga de Defesa dos Comerciantes, fundou também *O Regionalista*, hebdomadário reconstituente, com duração de 23 de maio de 1920 a 7 de fevereiro de 1925, com o propósito de se empenhar “por uma política honrada, essencialmente honesta, de intransigência pelos inimigos do regime, mas de tolerância absoluta para todos os portugueses”, depois de ter passado um “período agudo na vida da República, em que se empenharam apenas em demolir, semeando mais ódios que correntes de ideias nos campos do indiferentismo, resta-nos atalhar o mal e iniciar uma obra ousada de reconstrução, que dê sólidas garantias de prosperidade e de salvação nacional”.

De 10 de julho de 1920 a 3 de dezembro de 1921, circulou *A Verdade*, quinzenário regionalista independente. E, ainda, durante 1924, existiu *O Desportivo*, quinzenário local e o primeiro periódico exclusivamente dedicado ao Desporto, no distrito de Leiria. No ano seguinte, surge a *Gazeta das Caldas*, ainda em publicação.

**O *Viroschas* fez parte de uma época áurea da imprensa satírica nacional**, onde proliferou um número grande de publicações dedicadas a fazer rir o povo português.

Por Jorge Mangorrinha

Lisboa, HML, 24 de junho de 2013.

**FONTES:** *O Viroschas*. Caldas da Rainha: Arnaldo Júlio Martins e F. E. Salgueiro, 1914-15.